As práticas econômicas rurais e o perfil agrário no nordeste do Estado de São Paulo (Brasil), no início do século XX

Lelio Luiz de Oliveira*

As características das atividades econômicas hegemônicas do setor rural, na Primeira República, no Brasil, têm sido analisadas a partir das continuidades das práticas predominantes no século XIX, cujas estruturas teriam sido fixadas nos séculos anteriores[1], ou seja, todo o processo econômico seria resultante da formação colonial, de caráter comercial, condicionada por fatores externos e participantes da formação do capitalismo moderno[2].

* Doutor em História Econômica pela USP-Universidade de São Paulo – FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Professor da Uni-FACEF – Centro Universitário (Franca-SP); do Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto-SP; e da Universidade de Franca (Brasil).

[1] Francisco de Oliveira. Herança econômica do Segundo Império. In: Boris Fausto (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira.* São Paulo: Difel, 1985, v.3, p.395-7.

[2] Caio Prado Júnior. *Formação do Brasil contemporâneo.* 20.ed., Brasiliense, 1987.

O paradoxismo desse enfoque de ênfase do setor exportador na economia brasileira muitas vezes deixou em segundo plano, ou mesmo ignorou, as articulações internas e seus processos de acumulação e crescimento.[3]

Se, mais recentemente os excessos dessa vertente têm sido matizados, com o aumento de estudos sobre redes comerciais, produção para abastecimento interno, papel dos pequenos produtores[4], a eclosão da cafeicultura, principalmente em São Paulo tem sido mostrada, de um lado como continuidade da vinculação ao mercado externo e, de outro, como atividade que ao se implantar em uma região eliminava as anteriores.[5]

O estudo da expansão da cafeicultura, em Franca, expõe um processo diferente. Município localizado na parte Nordeste do Estado de São Paulo (Brasil), originado no caminho das minas de Goiás, desenvolveu produção para o abastecimento interno local e regional.[6] Com a chegada de levas de mineiros, especialmente nas duas primeiras décadas do século XIX, consolidou-se importante produção regional.[7] Os mineiros, criadores de gado, formaram fazendas de perfil diversificado, com elevado grau de auto-suficiência interna e mercantilização do excedente.[8] Foi o momento da expansão da economia de abastecimento interno a partir do Sul de Minas[9], que atingiu o Nordeste paulista. No decorrer do século XIX, os francanos foram, gradativamente, ampliando e diversificando essas atividades e, além da pecuária [principal centro dinâmico] e da

---

[3] Fernando Antônio Novaes. Condições da privacidade na Colônia. In: _____(org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v.1, p.17.

[4] Alcir Lenharo. *As tropas da moderação:* o abastecimento da corte na formação da política do Brasil, 1808-1842. São Paulo: Símbolo, 1979 (Ensaio e Memória, 21). Roberto Borges Martins. *Growing in silence:* the slave economy of nineteenth-century Minas Gerais, Brasil. Nashiville: Vanderbilt University, 1980. Cláudia Maria das Graças Chaves. *Perfeitos negociantes:* mercadores das minas setecentistas. São Paulo: Annablume, 1999.

[5] Ernesta Zamboni. *Processo de formação e organização da rede fundiária da área de Ribeirão Preto (1874-1900):* uma contribuição ao estudo da estrutura agrária. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1978. 135p. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade de São Paulo, 1978. Luciana Suares Galvão Pinto. *Ribeirão Preto:* a dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1930. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 2000. 199p. Dissertação (Mestrado em História Econômica)- Universidade Estadual Paulista, 2000.

[6] *"Por suas origens [a 'economia de troca'], perde-se na noite dos tempos mas não chega a unir toda a produção a todo o consumo, perdendo-se uma enorme parte da produção no autoconsumo, da família ou da aldeia, pelo que não entra no circuito do mercado."* Fernand Braudel. *A dinâmica do capitalismo.* Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.21.

[7] José Chiachiri Filho. *Do Sertão do rio Pardo à Vila Franca do Imperador*. Ribeirão Preto: Ribeira, 1982.

[8] Roberto Borges Martins. A fazenda mineira. In: Op. cit., p.314-9.

[9] Alcir Lenharo. Op. cit.

agricultura de abastecimento interno, dinamizou-se o comércio do sal, e passando-se a produzir a cana-de-açúcar e seus derivados.[10]

O avanço do café, no chamado *Oeste paulista*, já ao final do século XIX chegava à região de Ribeirão Preto e ocupava áreas de Franca. Com a ampliação das plantações de café, especialmente a partir de 1885, e a chegada da ferrovia (1887), a tendência foi de grande modificação das bases produtivas, inserindo o município de Franca no circuito da cafeicultura paulista. Contudo, o café não promoveu somente transformações, mas, fortaleceu permanências e continuidades, no confronto dialético entre a *"transformação progressiva"* - em muitos casos destruidora das antigas estruturas - e *"a implacável tragédia da permanência histórica"*[11] – senhora do *"hábito – [ou] melhor, [d]a rotina -, (...) [dos] gestos herdados, acumulados a esmo, repetidos infinitamente, (...) [que] remontam ao mais fundo dos tempos."*[12]

Este trabalho invoca uma análise de âmbito regional, priorizando as articulações internas[13], consolidadas no referido Município de Franca (Estado de São Paulo – Brasil), e que permitiram a coexistência da cafeicultura e da produção mercantil de abastecimento interno. As balizas temporais – *1890-1920* -, foram escolhidas por constituir um período em que a cafeicultura promoveu a reacomodação da estrutura produtiva, tradicionalmente baseada no abastecimento interno.[14]

---

[10] Lelio Luiz de Oliveira. *As transformações da economia de Franca no século XIX*. Franca, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 1995. 214p. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Estadual Paulista, 1995.

[11] Arno J. Mayer. *A força da tradição:* a permanência do Antigo Regime, 1848-1914. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.14.

[12] Fernand Braudel. *A dinâmica do capitalismo.* Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.20.

[13] *"impõem-se atentar para as disparidades regionais que matizam e historicizam o processo, condicionando uma compreensão mais vertical e abrangente da formação social nos seus dimensionamentos regionais. (...) Após a captação das determinações mais gerais (...) é necessário cuidar-se contra a excessividade de sistematização que obscurece a especificidade, privilegiando a igualmente em detrimento das diferenças."* José Jobson de Andrade Arruda. A prática econômica setecentista no seu dimensionamento regional. *Revista Brasileira de História*, v.5, n.10, mar./ago., 1985, p.147.

[14] Sabendo-se que as análises sobre a economia de Franca, para o período 1890-1920, têm, em maior ou menor grau, apontado a substituição pela cafeicultura, da produção diversificada para abastecimento interno, os exemplos disso são dos trabalhos: Carlos de Almeida Prado Bacellar, Lucila R. Brioschi (orgs.) *Na estrada do Anhangüera*. Uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999; Pedro Geraldo Tosi. *Capitais no interior:* Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945). Campinas: Instituto de Economia, 1998. 276p. Tese (Doutorado em História Econômica)- Universidade de Campinas, 1998

Concomitante às resistências, a cafeicultura ditou a nova lógica econômica.[15] Mais dinâmica, ligou o município ao mercado externo e promoveu a retroalimentação dos setores destinados ao abastecimento interno. Com isso, as velhas forças não foram destruídas, pelo contrário, foram beneficiadas. A cafeicultura, sem se tornar monocultura, por conseguinte, reestruturou a pecuária e a agricultura de abastecimento interno, dando maior fôlego, inclusive, às atividades urbanas.[16]

No período estudado (1890-1920), o município de Franca, região fronteiriça, servia de aceiro às forças avassaladoras da cafeicultura monopolista. Portanto, o processo de modernização do campo foi controlado, ponderado no limiar entre o novo e o velho.[17] Próprio de um período de transição, as práticas resistentes passaram a ser aparentemente repetidas, guardaram semelhança de forma, mas com conteúdo modificado.

A compreensão do processo impactante da cafeicultura na estrutura produtiva do município de Franca, passa, simultaneamente, pelo conceito de tempo histórico diluído em durações longas, conjunturais ou factuais[18], e pela predominância da análise no nível da "*vida material – uma parte da vida dos homens, tão profundamente inventores quanto rotineiros.*"[19]

Durante os séculos XVIII e XIX as propriedades rurais do município, tinham características parecidas com as *fazendas mineiras [ou da Província e depois Estado de Minas Gerais]*, conhecidas pela diversificação da produção, auto-suficiência interna e vínculos com o comércio regional.[20] A diversificação da estrutura produtiva predominava nas propriedades dos pequenos e grandes produtores.[21]

---

[15] "*Com a introdução da máquina de beneficiamento na cafeicultura paulista, além de poupar mão-de-obra, reduziu os custos, aumentou a produtividade e os lucros. Ambas, ferrovia e máquina de beneficiamento, aumentando os lucros da cafeicultura, possibilitaram a esta uma crescente dinâmica de acumulação.*" Wilson Cano. O complexo cafeeiro de São Paulo. In: *Ensaios sobre a formação econômica regional do Brasil*. Campinas: Unicamp, 2002, p.64-5.

[16] *A mudança sempre retorna ao chão do mundo conhecido e é incorporada.*" José Carlos Reis. *Op. cit.*, p.19.

[17] "*A mudança é preservada em uma 'dialética da duração', isto é, ela é dialeticamente superada. (...) Mas, enquadrada pela longa duração, a mudança é limitada e não tende à ruptura descontrolada.*" José Carlos Reis. *Escola dos Annales.* A inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.19.

[18] Fernando Braudel. História e ciências sociais. *Revista de História*, São Paulo, v.30, n.62, p.261-94, abr./jun., 1965. "*Constatar e reconstituir articulações de durações: mais lentas, mais ou menos lentas, mais ou menos rápidas, mais rápidas, mais ou menos breves, breves.*" José Carlos Reis. *Op. cit.*, p.22.

[19] Fernand Braudel. *A dinâmica do capitalismo.* Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.20.

[20] Roberto Borges Martins. *Growing in silence: the slave economy of nineteenth-century Minas Gerais, Brasil*. Nashiville: Vanderbilt University, 1980. (mineo), p.314-19.

[21] Ao longo do século XIX, as práticas econômicas, em Franca, foram sofrendo modificações no sentido de ampliar as atividades já existentes (pecuária, agricultura, mineração e comércio), além de incluir novos

Em Franca, a chegada dos trilhos da ferrovia de nome Mogiana, em 1887, foi responsável pelo plantio do café em larga escala.[22] O impacto da ferrovia e do café, foi no sentido de dinamizar as atividades existentes no período imperial. O novo meio de transporte facilitava o escoamento das safras, dando maior incentivo à produção. As mercadorias, antes carregadas por mulas ou carros de boi, tiveram seus fretes reduzidos e com isso maior competitividade.

Fazendas e fazendeiros não se limitaram à cafeicultura.[23] A nova atividade deu mais fôlego e dinamizou a produção destinada ao mercado interno local e de longa distância. O caráter misto das fazendas foi reafirmado.[24] Essa característica inicial manteve-se durante todo o período de hegemonia cafeeira, na República Velha (pelo menos até 1920). A habitual auto-suficiência das fazendas, que trazia segurança aos proprietários, foi um fator de manutenção das práticas econômicas arraigadas.[25] Houve resistência em fazer investimentos vultuosos em uma nova lavoura, cujos resultados dependiam dos preços internacionais e das manipulações dos atacadistas. Produzir para o autoconsumo e para os mercados conhecidos era mais seguro. Mesmo os grandes proprietários não utilizaram, de imediato, todos seus aportes na lavoura cafeeira. Aqueles que investiram, sempre tiveram o café ao lado da pecuária. Foram miúdos os passos dados em direção à cafeicultura, se comparado ao município vizinho de Ribeirão Preto.

---

experimentos. Em 1837, a região contava com *"11 engenhos de açúcar, 34 destilarias de aguardente, 176 fazendas de criar, 2 fazendas de café e 8 engenhos de serrar"*. Daniel Pedro Müller. *Ensaio d'um quadro estatístico da Província de São Paulo: ordenado pelas leis municipais de 11 de abril de 1836 e 10 de março de 1837*. 3. Ed. São Paulo: Governo do Estado, 1978.

[22] O café, em seu avanço na Província de São Paulo, ocupou, primeiramente, o Vale do Paraíba, chegando depois aos solos férteis do Oeste e do Norte de Campinas (Ribeirão Preto e Franca). Nesse processo, o café teve, nas ferrovias, um parceiro constante: ora a chegada dos trilhos influenciava o avanço da fronteira agrícola, ora as novas lavouras condicionavam a construção dos ramais. Odilon N. Matos. *Café e ferrovias.* São Paulo: Alfa-Ômega, 1974, p.14. Sérgio Milliet. *Roteiro do café e outros ensaios.* 3.ed. São Paulo, 1941.

[23] Wilson Cano. *Ensaios sobre a formação econômica regional do Brasil.* Campinas: Unicamp, 2002.

[24] Nossas afirmações contrastam com os dizeres de Delfim Neto: *"(...) a libertação dos escravos e a posterior elevação dos preços do café, a agricultura de subsistência foi literalmente abandonada, pois os fazendeiros dedicavam os recursos disponíveis a produção do café, que era a cultura que lhes proporcionava maior lucro. Dessa maneira, o volume das importações de alimentos cresceu de maneira sensível."* Antônio Delfim Neto. *O problema do café no Brasil.* São Paulo: Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, 1959. 349p. Tese (Livre Docência)- Universidade de São Paulo, 1959, p.25.

[25] *"Na realidade, o habitual invade o conjunto da vida dos homens, difunde-se nela como a sombra da tarde enche uma paisagem."* Fernand Braudel. *A dinâmica do capitalismo.* Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.20.

Dentre 750 inventários *post-mortem*[26] do município Francano, entre 1890 e 1920 (Tabela 1 e 2), investigados, apenas em 28,80% (216) constam citações sobre plantações de café. Em 14,8% (111) do total dos processos, há a discriminação do número de pés de café, que totalizavam 2.399.227 unidades. Em outros 14% dos processos (105), não havia a quantificação dos cafeeiros, somente menções como: *uma pequena lavoura, uma moita de pés de café velhos* ou *todo o café empreitado.* No padrão da produção paulista da época, grandes cafezais correspondem a plantações acima de 100.000 pés de café. Todavia, em Franca, entre 1890 e 1920, a média é de pouco mais de 20.000 pés de café por propriedade, sendo a maior freqüência a de lavouras com até 15.000 pés (79,23% das propriedades).

Tanto nos períodos das crises como nos de crescimento do setor cafeeiro (Tabela 3), o município em tela reafirmava a vocação para a produção de abastecimento interno, revitalizando o comércio regional.[27]

Na última década do século XIX e as duas décadas iniciais do século XX, mesmo que boa parte dos investimentos tenha sido direcionada para a cafeicultura, houve importante incremento na produção e comercialização de produtos destinados ao consumo interno. Além de atender às necessidades da população do município, que cresceu 357,5% no período, foram produzidos excedentes de alimentos para outras regiões, embarcados na Mogiana (Tabelas 4 a 7), carregados em *carros de boi* ou tangidos.

As áreas tradicionalmente destinadas à produção de gêneros foram mantidas, devido à demanda crescente de produtos básicos de consumo. As leiras dos cafezais passaram a ser utilizadas no plantio de produtos de abastecimento dos colonos ou arrendatários que comercializavam os excedentes.[28]

A saída de produtos excedentes – *arroz, milho, feijão, fumo, toucinho e animais (bovinos e suínos)* – através da ferrovia, proporcionava, em contrapartida, a

---

[26] Foram pesquisadas, também, 2.190 escrituras de compra e venda de imóveis rurais, referentes ao período de 1890 e 1920. Nas escrituras nem sempre foram discriminadas a quantidade e a idade dos cafezais. Nesta documentação encontramos anotações referentes 3.882.603 pés de café, sabendo-se que na década de 1890/1900 foram relacionados 448.525 pés, aumentando para 935.766 no período de 1900/1910, saltando para 2.498.312 pés nos anos de 1911/1920.

[27] M. Franco (org.). *Almanack da Franca – 1902.* São Paulo: Duprat, 1902, p. 62-63.

[28] Prática comum desde o período colonial, que perdura durante o Brasil republicano. Ver: Antônio Cândido. *Os parceiros do Rio Bonito:* um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 6.ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982; José de Souza Martins. *O cativeiro da terra.* São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979; Nelson Nozoe & José Flávio Motta. Os produtores eventuais de café: nota sobre os primórdios da cafeicultura paulista (Bananal, 1799-1829). *Locus Revista de História*, Juiz de Fora, v.5, n.1, p.33-50, 1999.

compra de bens de outras regiões (sal, farinha de trigo, querosene, tecidos, materiais de construção), consumidos no município ou redirecionados para cidades próximas.[29]

A dinamização da economia, irradiada pelo café, reafirmou a posição de Franca como entreposto comercial.[30] Em 1909, o Jornal *Tribuna da Franca* assinalava:

> *"O commércio grosso das principaes praças da Mogyana acaba de tomar uma louvável iniciativa, que diz respeito ao seu vital interesse. É assim que a maioria dos atacadistas das praças de Ribeirão Preto, Batataes, Franca, Uberaba e outras, delegou ao Sr. Torquato Caleiro, commissário na Capital, poderes para dirigir, em seu nome, uma representação às directorias das Estradas de Ferro Mogyana, S. Paulo Raiway e Paulista, solicitando a redução de fretes de mercadorias despachadas de São Paulo para o interior, uma vez que sejam feitos os embarques em lotação certa, isto é, em vagões completos. A classe dos atacadistas estriba suas pretensões em razões lógicas, em argumentos de todos irrefutáveis e assentes no bom senso prático. Até hoje, tanto paga, por exemplo, uma caixa de Kerozene ou 7$500 de Santos a esta cidade, como o negociante que faz despachar 200 caixas, ou seja, 1:500$000* (sic)*."*[31]

Em Franca, o café veio dinamizar a pecuária, a agricultura de abastecimento interno, o comércio, a manufatura e a urbanização. Noutros termos, a estrutura econômica diversificada foi fortalecida e ampliada pela cafeicultura, que produzia para o mercado externo e gerava recursos e demanda no mercado interno.

Dentro do contexto narrado, cabe a análise da propriedade fundiária em Franca, entre 1890 e 1920. Foram pesquisadas 2.190 escrituras de compra e venda e 750 inventários *post-mortem*. Do total das escrituras, 266 (12%) constavam a descrição da área do imóvel. Nos inventários foram encontradas 229 propriedades com a discriminação da área.[32] O universo de análise da pesquisa, desta forma, reduziu-se a 495 imóveis rurais,

---

[29] Pedro Geraldo Tosi. Cultura do café e cultura dos homens em Franca: a influência da ferrovia para a sua urbanização. *Estudos de História*, Franca, v.5, n.2, p.113-148.

[30] *"(...) o florescimento do mercado interno em São Paulo foi conseqüência direta de um processo de modernização, imposto tanto pelo desenvolvimento econômico como pelo capitalismo em expansão. O processo de modernização, além de ter introduzido novas técnicas, novos bens de consumo, impôs novos padrões de vida que acarretaram o surgimento de comunidades mais complexas (...)"*. Flávia Arlanch. *Formação do mercado interno em São Paulo:* o exemplo de Jaú (1870-1914). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1977. 154p. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade de São Paulo, 1977, p.117.

[31] Museu Histórico Municipal de Franca (MHMF) – *[Jornal] Tribuna da Franca*, Franca, 29 abril, 1909.

[32] A omissão dos limites territoriais, nos documentos disponíveis para o estudo minucioso da rede fundiária brasileira, foi o grande obstáculo encontrado pelos pesquisadores. Mário Neme. Apossamento do solo e evolução da propriedade rural na Zona de Piracicaba. *Coleção Museu Paulista*. São Paulo. v.1, 1974 (Série História). José Alexandre Filizola Diniz. Evolução das propriedades agrícolas do município de Araras (1850-1965). Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, 5., São Paulo. Wanda Silveira Navarra. *O uso da terra em Itatiba e Morungaba. Permanência e Mudança na organização do espaço agrário (1956-*

negociados ou transmitidos, no período em pauta, com uma área total de 46.952,5 hectares ou 19.402 alqueires de terras.[33] Para a padronização, adotou-se o hectare como medida.[34]

A documentação, através da nomenclatura das propriedades arroladas, permitiu classificá-las em *chácaras (14%), sítios (28%), partes de terras (46%) e fazendas (12).*

Das 95 *chácaras* discriminadas na documentação[35], cuja área predominante era de 12,0 hect. em média, 93 tinham casa de morada. Apenas um dos imóveis possuía *casa de colonos.* Havia descrição de monjolos em 11 propriedades. O *paiol*, para a guarda do milho, estava presente em somente 8 imóveis. Em apenas uma das propriedades encontrava-se um *engenho de cana-de-açúcar.* Pequenos *currais* foram construídos em 11 chácaras.[36] Os *moinhos* aparelhavam 5 imóveis. Em apenas um deles foi encontrado *ralo de mandioca* e dois fornos de farinha. Foram discriminados apenas um *galinheiro* e dois *chiqueiros* nas escrituras das chácaras. Pequenas plantações de café são mencionadas em 10 imóveis.

As *chácaras* tinham, assim, perfil bastante específico. Pequenas, voltavam-se, quase que integralmente, para atividades de autoabastecimento e atendimento ao centro urbano, fornecendo produtos de subsistência, sendo para isso aparelhadas.

Um bom exemplo é a *chácara de nome Santa Stephania, no alto da Palestina*, comprada por Antônio do Couto Roza *(sic)*, em 1917, por 18:000$000, que possuía *casa de morada com telhas, casa de colono, moinho, monjolo, ralador de*

1966). São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1972. 238p. Tese (Doutorado em História)- Universidade de São Paulo, 1972.

[33] A título de comparação, em 1920 foram recenseados 583 imóveis relativos aos município de Franca, com uma área total de 150.214,0 hectares. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMMERCIO. *Recenseamento do Brazil.* Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1923. Ernesta Zamboni, em seu estudo sobre Ribeirão Preto, município limítrofe de Franca, utilizou 656 escrituras com área definida. *Op. cit.*

[34] *"A conversão em hectares foi feita seguindo as equivalências usualmente empregadas: 1 légua = 6.600 metros; 1 braça = 2,2 metros, sendo que 1 hectares = 100 metros."* In: Darío Horacio Gutiérrez Gallardo. *Terras e gado no Paraná tradicional.* 1996, 176p. (Doutorado em História)). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. p.35.

[35] AHMF - 2.190 escrituras de compra e venda - 1890-1920.

[36] *"Art. 121 – Ninguém poderá fazer cocheiras e estribarias dentro dos quintais sem licença da Câmara, pela qual pagará 10$000, com obrigação de conservar limpas e asseadas, de modo a não exalarem mal cheiro, sob multa de 10$000 e o dobro nas reincidências."* Código de Posturas, 1888. Museu Histórico Municipal de Franca (MHMF) – Prat.2, Cx. 0016, v. 090.

mandioca para polvilho, 150 pés de café e árvores frutíferas.[37] Cabe citar, também, a *chácara perto da Santa Cruz*, descrita no inventário de Maria Abadia do Nascimento, *com pasto de terreno de 1/2 alqueire* [1,2 hectare], *com casinha regulando ter 200 telhas, tendo a finada a quarta parte.*[38] A caracterização fica mais completa em descrições constantes de alguns inventários do 1º Ofício, onde são mencionadas chácaras com: *casa, paiol e rancho*[39]*; plantações e pomar*[40]*; casa em mal estado e algumas plantações*[41]*; com casa, situada na avenida dos Coqueiros*[42]*; e, chácara com plantações, situada no bairro Ponte Preta.*[43]

Já, quando se analisa os 194 *sítios* indicados nas escrituras, percebe-se o papel da produção sistemática para o mercado. As descrições dessas propriedades, com área em torno de 60,0 hect., indicam as atividades econômicas empreendidas. Sítios e chácaras, dessa forma, diferenciam-se não apenas na dimensão, mas, principalmente pela produção para mercado.

Em 183 sítios, as *moradas* estavam presentes. Em contrapartida, 31 propriedades tinham *casas de colonos*. Mais da metade destes imóveis - 103 unidades - eram aparelhados com monjolos, 25 com moinhos e apenas uma propriedade tinha um ralo de mandioca. Os locais de armazenamento do milho - *paiol* - foram edificados em 79 sítios. Os *engenhos de cana-de-açúcar* estavam instalados em 18 imóveis, sendo que 5 possuíam alambiques. Nos relatos há apenas 3 *engenhos de serra*. Para o trato com o gado, 54 sítios tinham *currais* construídos de pedra ou madeira, sendo que em um deles havia uma cocheira coberta. Em uma das escrituras há o relato de *plantação de arroz*, entretanto, em outras cinco são citadas *plantações de cereais*, sem a discriminação. No que se refere a

---

[37] Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMF) – Escrituras de Compra e Venda (ECV) - Vendedor: Luiz Pinto Basto. Comprador: Antônio do Couto Roza. 1917. Esta chácara consta do Inventário de Julia Alves de Faria iniciado em 1918.

[38] AHMF - INV - Inventariada: Maria Abadia do Nascimento. Inventariante: Joaquim Luiz de Andrade. Proc. 258. 2º Ofício. 1891. Também fazia parte do inventário uma parte de terras na Fazenda Casa Seca, no valor de 100$000, sem discriminação da área.

[39] AHMF - INV - Inventariado: Elias Sampaio da Silva. Inventariante: Maria José de Jesus. Proc. 25. 1º Ofício. 1899.

[40] AHMF - INV - Inventariado: Camillo Estavam de Almeida. Inventariante: Maria Cândida de Jesus. Proc. 49. 1º Ofício. 1905.

[41] AHMF - INV - Inventariado; Antônio Lemos de Prado. Inventariante: Virgelina Maria de Jesus. Proc. 84. 2º Ofício. 1901.

[42] AHMF - INV - Inventariado: Julia Alves de Faria. Inventariante: Antônio do Couto Rosa. Proc. 137. 1º Ofício. 1918.

produção de café, há 102 citações (52,5% sítios), sabendo-se que 4 estabelecimentos possuíam *tulha* para o armazenamento deste grão, inclusive com *máquinas de beneficiamento de café e arroz.*

As chamadas *partes de terras,* descritas em 323 escrituras, que em muitos casos eram fatias das antigas grandes fazendas, no geral, correspondiam a propriedades com dimensões maiores que os *sítios* (entre 150,0 e 280,0 hect.). Como os *sítios*, porém, as *partes de terras* apresentavam estrutura diversificada, para atender o consumo dos produtores e o mercado.

Do total de 323 propriedades, 247 tinham *casa de morada*. As *casas de colonos* estavam em 17 delas. Para o processamento da produção de alimentos existiam 70 imóveis com *monjolos*, 12 com *moinhos* e apenas um com ralo de mandioca. Somente uma propriedade era servida por *engenho de serra,* entretanto, outras 17 tinham *engenhos de cana* (ressaltando-se que em duas propriedades eram pequenas *engenhocas*). Em 5 *partes de terras* cultivava-se *cana-de-açúcar,* sendo que em uma há o relato de plantação de milho. As citações sobre os pomares são esporádicas. Em 25 escrituras constam os *currais* para lida com o *gado bovino*. A criação do *gado suíno*, sem números específicos ou instalações próprias, foi relatada em 6 transações imobiliárias. Em 135 escrituras de compra e venda há relatos sobre *plantações de café.* Contudo, conforme as denominações usadas nos documentos (*cafezal, cafeeiro, quintal de café e plantação de* café), fica claro que nem sempre são lavouras extensas.

As escrituras de compra e venda, em que foram registradas as transações das denominadas '*fazendas*`, trazem mais dados sobre as atividades econômicas. Há maior número de imóveis com discriminação das *benfeitorias* e *instalações,* indicando suas funções na produção. Em 81 *fazendas* tinham *casas sede* e 45 *casas de colonos*. Em 38 encontravam-se *monjolos,* em 43 são anotados os *paióis,* e em 28 aparecem os moinhos. Os *engenhos de cana* são destacados em 15 das propriedades, havendo 5 imóveis com *engenhos de serra.* Os *currais* foram destaque em 21 das fazendas. Somente em uma escritura foi anotado um alambique e em outra uma plantação de cana-de-açúcar. As olarias aparecem em 3 dos imóveis. Havia, também, uma propriedade onde destacava-se uma *roça de milho,* sendo que em outra o documento relata somente o termo *plantação.* As

[43] AHMF - INV - Inventariado: Ubaldina Eliza do Nascimento. Inventariante: Francisco Rodrigues da Rocha.

instalações para a criação de suínos - os *chiqueiros* - aparecem em 6 das fazendas. Em 12 propriedades mereceram destaque as *máquinas de beneficiar arroz e café.* Em 65 imóveis transacionados existiam plantações de café. Deste total, em 47 imóveis as lavouras são identificadas somente pelo termo *café,* e as demais 18,56% (18) como *cafezais*

Nesse sentido, a cafeicultura conferiu dinamismo às antigas atividades de produção para o abastecimento, mas não destruiu o perfil diversificado das unidades produtivas. A grande lavoura cafeeira favoreceu a constituição de unidades produtivas, sem alterar a miríade de pequenas propriedades. Chacareiros, sitiantes e mesmo grandes fazendeiros resistiram à monocultura, conciliando tradicionalismo e adesão ponderada às formas do mercado.

FONTES

Inventários *post-mortem* e Escrituras de Compra e Venda. Arquivo Histórico Municipal de Franca – AHMF.

Jornais. Museu Histórico Municipal de Franca – MHMF.

Código de Posturas de 1888 – Museu Histórico Municipal de Franca - MHMF

BIBLIOGRAFIA

Proc. 305, 1º Ofício, 1918.

ARLANCH, Flávia. *Formação do mercado interno em São Paulo:* o exemplo de Jaú (1870-1914). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1977. 154p. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade de São Paulo, 1977.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. História e crítica da História econômica quantitativa. *Revista de História*, São Paulo, v.55, n.110, p.463-481, 1977.

_____. A prática econômica setecentista no seu dimensionamento regional. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.5, n.10, mar./ago., 1985.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs). *Na estrada do Anhangüera.* Uma visão regional da História paulista. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. *Revista de História*, São Paulo, v.30, n.62, p.261-294, abr./jun., 1965.

_____. *A dinâmica do capitalismo.* Trad. port. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. *Civilização material, economia e capitalismo:* séculos XV-XVIII. Trad. port. São Paulo: Martins Fontes, 1996. T.1,2 e 3.

BRIOSCHI, Lucila Reis *et al*. *Entrantes do sertão do Rio Pardo:* o povoamento da Freguesia de Batatais - séculos XVIII e XIX. São Paulo: CERU, 1991.

_____ . *Entrantes da Freguesia de Batatais - séc. XVIII e XIX*. São Paulo: CERV, 1991.

CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito.* Um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 6.ed., São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

CANO, Wilson. *Ensaios sobre a formação econômica regional do Brasil.* Campinas: Unicamp, 2002.

CHAVES, Cláudia Maria das Graças. *Perfeitos negociantes.* Mercadores das minas setecentistas. São Paulo: Annablume, 1999.

CHIACHIRI Filho, José. *Do sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador*. Ribeirão Preto: Ribeira, 1982.

DELFIM Neto, Antônio. *O problema do café no Brasil.* São Paulo: Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, 1959, 349p. Tese (Livre Docência)- Universidade de São Paulo, 1959.

FRANCO, M. (org.). *Almanack da Franca – 1902.* São Paulo: Duprat, 1902.

GUTIÉRREZ GALLARDO, Darío Horácio. *Terras e gado no Paraná tradicional.* São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1996. 176p. Tese (Doutorado em História)- Universidade de São Paulo, 1998.

LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação:* o abastecimento da corte na formação da política do Brasil, 1808-1842. São Paulo: Símbolo, 1979 (Ensaio e Memória, 21).

MARTINS, José de Souza. *O cativeiro da terra.* São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MAYER, Arno J. *A força da tradição:* a permanência do Antigo Regime, 1848-1914. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MÜLLER, Daniel Pedro. *Ensaio d'um quadro estatístico da Província de São Paulo: ordenado pelas leis municipais de 11 de abril de 1836 e 10 de março de 1837.* 3. Ed. São Paulo: Governo do Estado, 1978.

NOVAIS, Fernando Antônio. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808).* São Paulo: Hucitec, 1983.

NOZOE, Nelson; MOTTA, José Flávio. Os produtores eventuais de café: nota sobre os primórdios da cafeicultura paulista (Bananal, 1799-1829). *Locus Revista de História*, Juiz de Fora, v.5, n.1, p.33-50, 1999.

NOVAIS, Fernando Antônio. Condições da privacidade na Colônia. In: _____.(org.). *História da vida privada no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v.1.

OLIVEIRA, Francisco de. Herança econômica do Segundo Império. In: FAUSTO, Boris (dir.). *História geral da civilização brasileira.* São Paulo: Difel, 1985, v.3, p.394-396.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo.* 20.ed., Brasiliense, 1987.

OLIVEIRA, Lelio Luiz de. A posse de escravos em Franca, segundo os inventários (1822-30). *Estudos de História,* Franca, v.1, p.173-186, dez., 1994.

_____. *As transformações da riqueza em Franca no século XIX.* Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 1995. 214p. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Estadual Paulista, 1995.

_____. As transformações da economia da região de Franca no século XIX. *Estudos de História*, Franca: UNESP-FHDSS, v.3, n.1, *1996.*

_____. *Economia e História.* Franca século XIX. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997. (História Local, 7).

OLIVEIRA, Roberson Campos de. *Agricultura e mercado interno.* São Paulo: 1850-1930. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1993, 162p. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade de São Paulo, 1993.

MARTINS, Roberto Borges. *Growing in silence:* the slave economy of nineteenth - century Minas Gerais, Brasil. Nashiville: Vanderbilt University, 1980.

MATOS, Odilon N. . *Café e ferrovias.* São Paulo: Alfa-Ômega, 1974.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales.* A inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

TOSI, Pedro Geraldo. *Capitais no interior:* Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945). Campinas: Instituto de Economia, 1998. 276p. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de Campinas, 1998.

ZAMBONI, Ernesta. *Processo de formação e organização da rede fundiária da área de Ribeirão Preto (1874-1900):* uma contribuição ao estudo da estrutura agrária. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1978. 135p. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade de São Paulo, 1978.

A P Ê N D I C E

Tabela 1
Número total, média, mediana, moda e taxas de crescimento -
pés de café nos inventários - 1890-1920

	Total	Tx. Cresc/to	Média	Tx. Cresc/to	Mediana	Tx. Cresc/to	Moda	Tx. Cresc/to
1890-1900	188.119	100,00	8.179	100,00	4.000	100,00	4.000	100,00
1901-1910	340.858	181,13	13.109	160,28	4.500	112,50	3.000	75,00
1911-1920	1.870.270	993,84	30.165	368,82	7.000	175,01	2.000	50,00
1890-1920	2.399.227	-	21.614	-	5.000	-	2.000	-

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Franca – 750 Inventários *post-mortem*.

Tabela 2
Distribuição do número de pés de café por inventário
1890-1920

Pés de café	Número de inventários	% de inventários
30 - 1.000	17	15,31
1.001 a 2.000	17	15,31
2.001 a 3.000	09	8,10
3.001 a 4.000	07	6,30
4.001 a 5.000	09	8,10
5.001 a 10.000	19	17,11
10.001 a 15.000	10	9,00
15.001 a 20.000	03	2,70
20.001 a 30.000	05	4,50
30.001 a 40.000	03	2,70
40.001 a 50.000	02	1,80
50.001 a 100.000	04	3,60
100.001 a 200.000	04	3,60
200.001 a 300.000	01	0,90
300.001 a 400.000	01	0,90
Totais	111	100,00

Fonte: AHMF - INV.

Tabela 3
Taxa de crescimento - Café embarcado na Mogiana (Estação Franca) - Ton. -
1890-1917 - (Ano 1890 = base 100)

Período	Tonelada	%	Tx. Cresc.
1890	285,31	285,31	100
1891	780,26	173,48	273,48
1892	654,55	-16,11	229,42
1893	842,35	28,69	295,24
1894	912,31	8,31	319,77
1895	2238,96	145,42	784,78
1896	3772,49	68,49	1322,28
1897	4998,92	32,51	1752,15

1898	4784,91	-4,28	1677,16
1899	4784,91	0	1677,16
1900	7284,55	52,24	2553,31
1901	8565,03	17,58	3002,18
1902	9755,31	13,9	3419,48
1903	8389,06	-14,01	2940,41
1904	6923,3	-17,47	2426,72
1905	5490,61	-20,69	1924,63
1906	8469,1	54,25	2968,74
1907	11007,52	29,97	3858,47
1908	6625,63	-39,81	2322,41
1909	9663,6	45,85	3387,23
1910	5297,32	-45,18	1856,88
1911	5692,22	7,45	1995,22
1912	5935,37	4,27	2080,42
1913	7188,41	21,11	2519,6
1914	5873,35	-18,29	2058,77
1915	8745,98	48,91	3065,71
1916	4852,44	-44,52	1700,86
1917	6315,16	30,14	2213,5

Fonte: Registros da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

Tabela 4
Taxa de crescimento - Alimentos embarcados na Mogiana
(Estação Franca) - 1900-1917 - Ton. (Ano 1890 = base 100)

Alimentos	Toneladas	%	Tx. Cresc.
1900	2.149,94	2.149,94	**100,00**
1901	2.433,95	13,21	113,21
1902	1.987,06	-18,36	92,42
1903	1.981,02	-0,30	92,14
1904	2.062,99	4,14	95,95
1905	2.604,45	26,25	121,14
1906	1.786,72	-31,40	83,10
1907	2.911,94	62,98	135,44
1908	3.455,57	18,67	160,73

1909	2.939,67	-14,93	136,73
1910	1.448,38	-50,73	67,37
1911	1.578,18	8,96	73,41
1912	1.622,74	2,82	75,48
1913	2.520,66	55,33	117,24
1914	2.270,99	-9,90	105,63
1915	2.501,39	10,15	116,35
1916	3.347,75	33,84	155,72
1917	2.999,15	-10,41	139,51

Fonte: RCM

Tabela 5
Taxa de crescimento - Animais embarcados na Mogiana
(Estação Franca) - Quant. - 1890-1917 - (Ano base 1890 = 100)

Período	Quant.	%	Tx. Cresc.
1890	2556	2556	100
1891	3174	24,18	124,18
1892	3179	0,16	124,38
1893	8933	181	349,51
1894	4731	-47,04	185,1
1895	3659	-22,66	143,16
1896	696	-80,98	27,23
1897	1285	84,63	50,27
1898	483	-62,41	18,9
1899	483	0	18,9

1900	1141	136,23	44,65
1901	817	-28,4	31,97
1902	2190	168,05	85,7
1903	6931	216,48	271,22
1904	4400	-36,52	172,17
1905	6527	48,34	255,4
1906	5541	-15,11	216,81
1907	5235	-5,52	204,84
1908	3564	-31,92	139,46
1909	1875	-47,39	73,37
1910	2405	28,27	94,11
1911	2299	-4,41	89,96
1912	6923	201,13	270,9
1913	3452	-50,14	135,07
1914	3781	9,53	147,94
1915	2887	-23,64	112,97
1916	1598	-44,65	62,53
1917	1057	-33,85	41,36

Fonte: RCM.

Tabela 6
Taxa de crescimento - Toucinho embarcado na Mogiana (Estação Franca) - ton. - 1890-1917 - (Ano 1890 = base 100).

Período	Toneladas	%	Tax. Cresc.
1890	135,47	135,47	100
1891	37,96	-71,98	28,02
1892	90,16	137,51	66,55
1893	127,71	41,65	94,27
1894	82,99	-35,02	61,26
1895	10,89	-86,88	8,04
1896	73,18	571,99	54,03
1897	38,02	-48,05	28,07
1898	16,03	-57,84	11,83
1899	16,03	0	11,83
1900	60,18	275,42	44,41
1901	28,17	-53,19	20,79

1902	44,206	56,93	32,63
1903	30,25	-31,57	22,33
1904	21,18	-29,98	15,64
1905	26,9	27,01	19,86
1906	68,57	154,91	50,63
1907	87,29	27,3	64,45
1908	58,03	-33,52	42,85
1909	30,53	-47,39	22,54
1910	29,43	-3,6	21,73
1911	33,25	12,98	24,55
1912	63,2	90,08	46,66
1913	120,51	90,68	88,97
1914	43,88	-63,59	32,39
1915	48,35	10,19	35,69
1916	19,8	-59,05	14,62
1917	28,32	43,03	20,91

Tabela 7
Taxa de crescimento - Fumo embarcado na Mogiana
(Estação Franca) - Ton. - 1890-1917 - (Ano 1890 = base 100)

Período	Ton.	%	Tx. Cresc.
1890	13,52	13,52	100
1891	7,58	-43,93	56,07
1892	2,18	-71,24	16,13
1893	11,49	427,06	85,01
1894	4,11	-64,23	30,41
1895	8,27	101,22	61,19
1896	10,82	30,83	80,05
1897	15,94	47,32	117,93
1898	14,74	-7,53	109,05
1899	14,74	0	109,05
1900	5,92	-59,84	43,79
1901	6,91	16,72	51,11

1902	9,44	36,61	69,82
1903	23,45	148,41	173,44
1904	18,95	-19,19	140,16
1905	12,54	-33,83	92,74
1906	16,98	35,41	125,58
1907	33,25	95,82	245,91
1908	39,72	19,46	293,76
1909	15,54	-60,88	114,92
1910	15,99	2,9	118,25
1911	24,18	51,22	178,82
1912	31,39	29,82	232,14
1913	54,7	74,26	404,53
1914	31,5	-42,41	232,97
1915	35,4	12,38	261,81
1916	37,28	5,31	275,71
1917	44,48	19,31	328,95

Fonte: RCM.